

OFICINAS FORTALECEM O SONHO DE FORMAR BANDA MUSICAL



Adolescentes Mariana e Yasmim querem fazer o máximo de oficinas na Casa de Cultura

Mariana Martins e Yasmim Ferreira da Silva têm a mesma idade e um sonho em comum: formar um conjunto musical. Aos 12 anos, planejam fazer o máximo de oficinas na Casa de Cultura para começar a planejar o futuro.

Mariana faz oficina de canto e cordas. Depois de se matricular no curso de violão, entrou no curso de cavaquinho e logo depois, para as aulas de canto.

"Sempre tive vontade. Não imaginava aprender tanto em tão pouco tempo. Hoje, já sei postar minha voz para cada tipo de música. Quero aprender ainda mais para ser uma cantora profissional e formar a minha banda", adianta.

Paralelamente à música, Mariana sonha ser enfermeira ou cientista. "A música sempre será a primeira opção. Enfermagem e Ciência são pela vontade de ajudar e de cuidar das pessoas", explica.

A dificuldade de concentração foi corrigida logo na primeira aula de canto.

Mariana conta que o professor observou sua falta de atenção na aula.

"Ele me chamou e disse que a concentração é a principal virtude na música. Tem que ficar atenta a todo momento para não prejudicar o

trabalho. Aquele sermão serviu para eu ficar mais concentrada. Mudel para melhor", ressalta.

Yasmim faz oficina de cordas e percussão. A inspiração vem de casa, com o pai e o irmão que tocam violão e cantam numa igreja evangélica.

"Por enquanto, penso em fazer aulas de cordas e percussão. Mais para frente, vou entrar para a oficina de teclado. O canto pode vir depois. Quero muito tocar em um conjunto musical no futuro", explica Yasmim, que elogiou a atenção dos professores e dos coordenadores durante as aulas.

"Mais do que professores, eles fazem papel de pais dos alunos. Eu aprendi em casa a dar bom dia, boa tarde, pedir licença, falar com educação, mas não praticava isso. Os professores e coordenadores orientam e pedem para os alunos fazerem isso todos os dias. Isso ajuda muito na nossa formação", reconhece.

“Sempre tive vontade. Não imaginava aprender tanto em tão pouco tempo. Hoje, já sei postar minha voz para cada tipo de música. Quero aprender ainda mais para ser uma cantora profissional e formar a minha banda”, adianta.



OFICINA DE TALENTOS, OS SONHOS DOS IRMÃOS THALITA, MATEUS E LUCAS

Pág. 3



Orientação profissional transforma dia a dia de Beatriz e Ana Clara

Pág. 2



Mitã, o professor de Educação Física que se apaixonou pelo ideal do projeto em Itaipuaçu

Pág. 7



FAMÍLIA ALIA OFICINAS E ATIVIDADE FÍSICA



A técnica administrativa Adriana da Silva procurava uma atividade para os filhos Pietro Nchneeweiss, 4 anos, e Maria Clara, de 13, para ocupar o tempo da tarde da família. A chegada do Polo da Casa da Cultura em Itaipuaçu foi a solução para os seus problemas.

"Quando a minha filha falou das

oficinas, procurei me informar melhor e fiquei muito animada. Estava prestes a resolver boa parte dos meus problemas: praticar atividade física e aprender cursos de instrumentos musicais. Bom demais, a cidade precisava muito disso", explica.

Maria Clara foi a primeira marceneira nas oficinas de coral e cordas. Logo na primeira semana, a mãe notou a mudança no comportamento da filha. "Ela era muito introvertida, tímida. Na primeira aula, soltou a voz de uma maneira surpreendente. Isso sem falar no comportamento. Antes, ela parecia um bichinho do mato. Hoje, está mais comunicativa em casa e na rua. Ela quer ser cantora. Parece que está no caminho certo. As oficinas já mudaram o seu

comportamento, que agora condiz com o de uma artista. Estou na torcida", avalia a mãe.

O caçula Pietro era inquieto e ficou mais tranquilo, segundo Adriana. "Ele não tinha muito paciência com os coleguinhas. Agora brinca e se relaciona melhor. Chega em casa e quer ensinar capoeira para o pai. Ficou uma criança mais simpática", observa. O dia a dia de Adriana também mudou para melhor. Assim que entrou para a capoeira, ela conta que ficou mais disposta.

"Alongamento, atividade física, tudo isso faz muito bem à saúde. Pretendo continuar e entrar para oficina de canto e percussão. Preciso aproveitar a oportunidade", conclui.

SUPERAÇÃO ATRAVÉS DO ENSINO, EXEMPLOS DAS AMIGAS BEATRIZ E ANA CLARA

Dois exemplos de superação aconteceram na unidade de Itaipuaçu. Beatriz de Freitas Daskalakis Duarte, 12 anos, sofreu bullying na escola e ficava arrasada a ponto de prejudicar seu rendimento nos estudos e relacionamento com outras pessoas. Já Ana Clara da Rocha Teixeira, 10 anos, foca desde os 5 anos que deve fazer cursos para evoluir na precoce carreira de YouTuber.

O canal 'Toque de Memória' tem mais de 5 mil seguidores e já teve pico de 8 mil em um mês. Trata-se de um canal com dicas para entretenimento não só para crianças como também para adultos.

"Dou dicas de eventos, comento do local, como chegar, como se apresentar, promovo encontros de workshop. Minha mãe me ajuda muito", comenta.

Para dar um 'up' no seu trabalho, Ana Clara entrou para a oficina de Mídias Sociais.

"Quando eu ficar craque no Instagram e Facebook, vou ganhar ainda mais seguidores. Quero aprender logo

estratégias de postagem. Isso facilita muito quem é youtuber", avalia.

O bullying de Beatriz foi superado com as orientações e suporte das duas coordenadoras.

"As pessoas me tratavam como se eu fosse ninguém.

Três semanas na oficina de Mídias Sociais mudaram a minha vida. O curso me acolheu. Orientações do professor e do coordenador foram importantes para isso. Entendi que aquele bullying era muito pequeno e não tinha valor nenhum para mim. Tenho muito que evoluir como pessoa e estou fazendo isso", comentou.

A opção pela oficina de Mídias Sociais é para conhecer as ferramentas da internet que considera importante, além de valorizar a profissão que escolheu no futuro.

"Quero aprender a mexer com várias ferramentas e a oficina será fundamental



Ana Clara (esq) e Beatriz, craques nas mídias sociais

para isso. Penso ser advogada ou política e a rede social somará muito para evoluir em uma dessas profissões. Quero aprender tudo e tenho pressa para isso. Quero provar para quem me fez bullying que sou uma pessoa melhor", comentou.

Beatriz não é mais uma adolescente ressentida. Hoje, sua relação com as pessoas é melhor. Longe de ser retraída e inibida, a transformação contagiou colegas e própria família.

"Agora, penso muito nos meus estudos e no que eu quero para o meu futuro, aproveitando cada oportunidade", concluiu.

COORDENADOR DO POLO EM ITAIPUAÇU SE EMOCIONA AO FALAR DE TRANSFORMAÇÃO DE ALUNOS

O trabalho que Mitã Chalfun, 28 anos, professor de Educação Física, realizou em um projeto comunitário de Oswaldo Cruz, Zona Norte do Rio, chamou a atenção dos organizadores do projeto Casa de Cultura e Valeu o convite para ele coordenar o Polo de Cultura de Itaipuaçu.

O fato de ser professor e ter experiência em coordenar trabalhos comunitários pesou na decisão, de acordo com Mitã Chalfun. "Logo fiquei interessado pela ideia. Quando conversamos pela primeira vez, eu sabia que daria certo. O povo mais destavorecido carece de oportunidades. O que gera a desigualdade social é achar que o filho do pobre tem que ser sempre pobre", analisa.

O professor ressalta que a essência das oficinas da Casa de Cultura é oferecer os cursos gratuitos e ajudar na formação cidadã, destacando o direito de pessoas terem acesso à arte e à cultura.

"Quando soube como funcionava o projeto, percebi que não tinha como dar errado. Como um aluno vai gostar de violino ou de Beethoven se nunca viu um violino na frente? Como vai ser músico se nunca teve contato com uma partitura? Quando um projeto oferece essas oportunidades, todo o ambiente social da pessoa é modificado. Ela vai se interessar em pesquisar, em estudar", comenta.

Mitã Chalfun destaca que as oficinas recebem alunos de todas as camadas sociais da região.

"Mais do que oferecer oficina de música e capoeira, tentamos mudar a sociedade no modo de pensar e de agir, mostrando as pessoas o direito que elas têm", frisa.

O aumento da procura pelas oficinas chama a atenção do professor. Segundo Chalfun, os alunos acreditam que os cursos podem realmente transformar suas vidas.

"Eles se sentem responsáveis também



pelo projeto. As oficinas aproximam o poder público das pessoas. Elas descobrem que as oficinas podem ser a oportunidade que tanto sonharam para que comecem a mudar de vida", avalia. Mitã Chalfun ficou emocionado ao ser informado que todas as crianças e adolescentes entrevistados para a reportagem disseram que os professores e coordenadores da Casa de Cultura são os responsáveis pelas mudanças em seus comportamentos,

não tinham o hábito de cumprimentar as pessoas, dar bom dia ou boa tarde, ou mesmo pedir licença em um ambiente de conversa.

"Fico muito feliz em descobrir essa transformação. Se entre os 200 alunos da oficina, uma delas seguir a carreira de cantora, de músico ou de capoeirista, será bom demais. Mas, o mais importante é que todos tenham consciência da noção de seu papel como cidadão na sociedade. Que eles aprendam que têm direitos e deveres e que a sociedade pode mudar, de acordo com o que eles desejam", explica. O professor diz que o gestor público pode funcionar de acordo com o desejo da sociedade. "Se conseguirmos isso, o nosso projeto terá sido satisfatório e perfeito", analisa.

Mitã Chalfun destaca que o projeto é inovador e poderia atender pessoas não só de Maricá, mas de todos os municípios do Estado do Rio. "A experiência é inovadora e espera que vire rotina no nosso país. Temos que dar oportunidade a quem não tem, ou seja, às mesmas oportunidades para todos", diz.

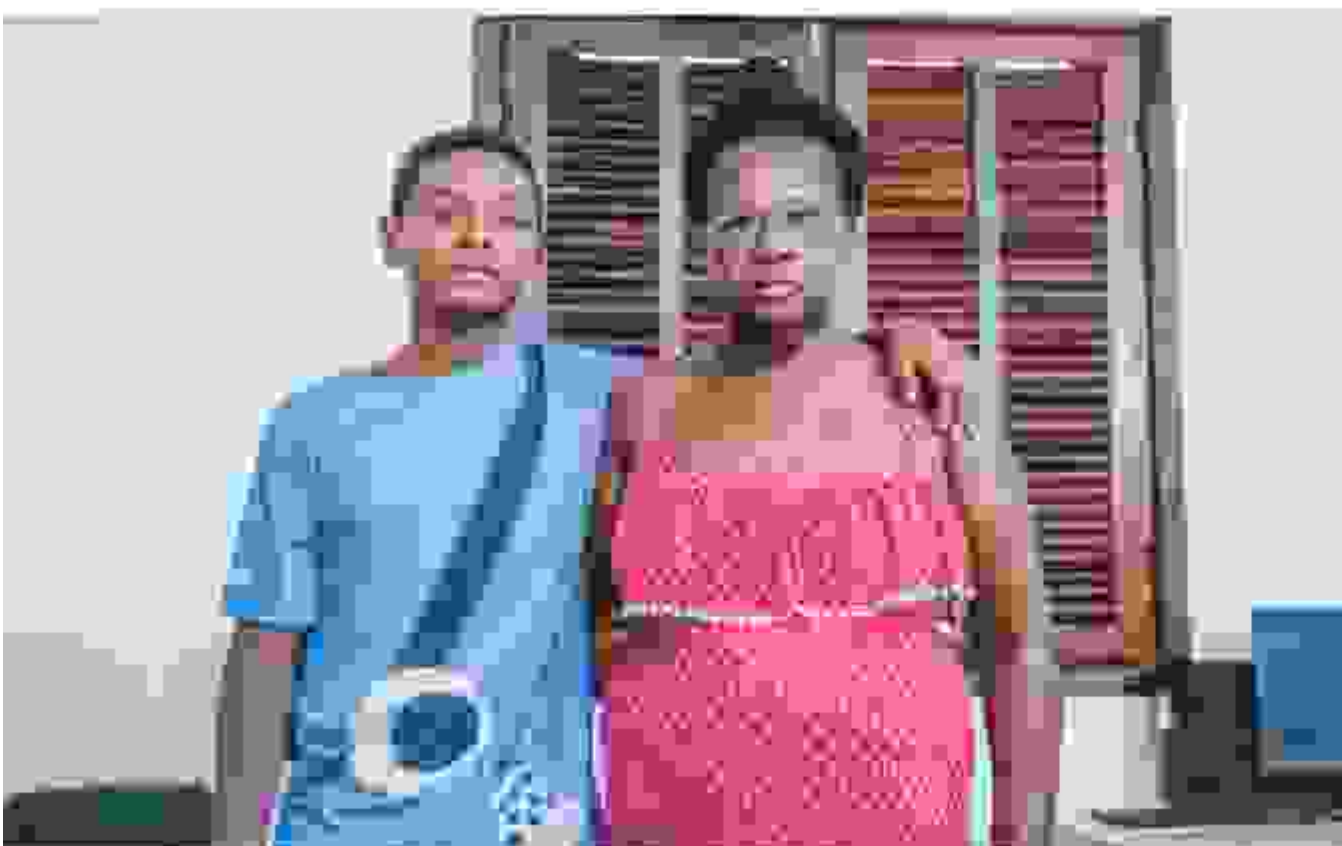
Eles se sentem responsáveis também pelo projeto. As oficinas aproximam o poder público das pessoas. Elas descobrem que as oficinas podem ser a oportunidade que tanto sonharam para que comecem a mudar de vida.

especialmente na melhor relação com outras pessoas. Segundo ele, muitos

EXPEDIENTE:

Jornal Prefeitura Cultural de Oswaldo Cruz, publicação mensal da Secretaria de Participação Social, Direitos Humanos e Mulheres da Casa da Cultura Centro de Formação Artística e Cultural da Base da Iluminária, CNPJ 38.048.029/0001-49, / Fone: 051 3332-1111 / Endereço: sede do Programa, Rua Pinna Neves, 247, Centro, Maricá - Jornalistas: Luiz Michel (RPP, MT - 11) 24334-111 / Editor: Marcos Sampaio (RPP - 11) 3334-1111 / Texto: Eliana / Acesso de circulação: zero / Impressão: Anacleto Santos, Dono: Osmar - Botão (Jequete e Silva) / Circulação: 1000 exemplares / e-mail: secretaria@prefeitura.oswaldocruz.gov.br / CEP 08.073-297/0401-001 / Rua: Carlos Viana, 107, Loja 02 e 03, Bloco D, Maricá, CEP 38.098-404 / Interação: 0800417822054 / Programa: 50000 / 00000000000000000000

CARLOS HENRIQUE SUPERA TRISTEZA PELA MORTE DA MÃE COM AULAS DE CAPOEIRA E ATRAVÉS DAS MÍDIAS SOCIAIS



Carlos Henrique, ao lado da avó, Erlita, demonstra superação após perda familiar

A Casa de Cultura transformou a vida de Carlos Henrique Maximiniano, 14 anos. Em 2015, sua mãe que sofria de leucemia não resistiu à doença e morreu. A partir daí, começou uma via crucis na vida da avó Erlita Maximiniano.

"Ele ficou muito abalado com a morte da mãe e se fechou para o mundo. Falava muito pouco, não queria saber de amizade, de conversar com as pessoas. Levava ele no médico, no psicólogo e ninguém resolvia o problema. Minha vida era uma tristeza por ver ele daquele jeito", lembrou.

No ano passado, a esperança começou a rondar a casa de Erlita. Ela soube que a Casa de Cultura, com várias oficinas gratuitas, seria inaugurada próximo de sua casa. A notícia não poderia ser melhor. O neto precisava se ocupar, fazendo algum curso ou praticando alguma atividade física.

"Quando soube do projeto e das oficinas que seriam oferecidas, tive certeza de que era tudo que meu neto precisava para voltar a sorrir. Não foi

diferente. As oficinas levantam a autoestima dele. Logo no primeiro dia da capoeira, presenciei o professor conversando com ele e o incentivando a participar da aula, conversar com os

Carlos Henrique superou o trauma pela morte da mãe. Participa ativamente das aulas de capoeira e Mídias Sociais, interage com os colegas e é mais comunicativo. Todo aquele silêncio ficou para trás.

colegas. O sorriso que ele deu foi a minha maior alegria dos últimos anos", disse, emocionada.

Carlos Henrique superou o trauma pela morte da mãe. Participa ativamente das aulas de capoeira e Mídias Sociais.

interage com os colegas e é mais comunicativo. Todo aquele silêncio ficou para trás. A palavra interagir passou a fazer parte do seu dia a dia. A relação com os colegas e outras pessoas melhorou. Aquela bicho-do-mato, como dizia a avó Erlita deu lugar a um adolescente comunicativo e alegre, consciente da importância do bom relacionamento na vida das pessoas.

"Sei que minha mãe está torcendo por mim e quero ajudar muito minha avó no futuro. Para isso, vou estudar e aproveitar as oportunidades, com as oficinas, para ter uma boa profissão. Hoje, eu procuro me comunicar melhor. Isso tudo eu aprendi com os professores que me abriram os olhos. Eles conversam muito com os alunos, mostrando a importância da boa educação e da comunicação na vida das pessoas", comentou.

O neto de Erlita, que já havia praticado capoeira, entrou para a oficina empolgado. Mais do que isso foi a sensação que teve na aula de Mídias Sociais. Ele não imaginava a importância da internet na vida das pessoas. Carlos Henrique pensa até em se especializar em Mídias Sociais, mesmo não sendo a carreira dos sonhos.

"Antes, ficava muito na rua e minha avó se preocupava com as minhas companhias. Agora, só penso em estudar. Conhecer mais as ferramentas de internet. Saber o que é Fake News. Tudo isso vai me ajudar no futuro. Quero muito aprender cada vez mais para conseguir um bom emprego. As Mídias Sociais podem fazer a diferença. Hoje, penso ser bombeiro, mas posso mudar de ideia. Qualquer profissão depende muito da internet. Quero aprender tudo", analisa.

IRMÃOS UNIDOS PELA ESPERANÇA EM VENCER NA VIDA ATRAVÉS DO ESTUDO



Mateus (esq), Thalita e Lucas, o foco é obter boas notas

Thalita Alves, 13 anos, tem dois sonhos na vida: estudar medicina e ser cantora. Para o primeiro, segue os estudos, sempre com boas notas na escola. Já para ser cantora começou a agregar o curso de violão.

"Tem muita gente talentosa que não

chega a ser famosa. Eu quero ser. Aprendi a tocar bem violão em um mês. Isso me animou bastante. Sempre admirei as pessoas tocando na igreja. Hoje, eu toco e quero cantar também, mas estou me preparando para isso. Aprendi técnicas de canto e estilos de

ALUNO SONHA EM ENSINAR CRIANÇAS CARENTES

A paixão pela música e o interesse em Mídias Sociais levaram Edigleison Silva Fonseca, 16 anos, a procurar as oficinas da Casa da Cultura.

"Estudava de manhã e ficava à toa no período da tarde. Sempre tive vontade de estudar violão, mas não tinha dinheiro para isso. E as aulas de mídias sociais sempre foram meu objetivo para aprender a trabalhar melhor com a Internet", observa.

A paixão de Edigleison pelo violão pode gerar benefícios para quem também sonha em aprender a tocar o instrumento. "Quero ensinar gratuitamente os mais carentes a tocar violão. É a maneira que tenho de retribuir a oportunidade que tive de aprender a tocar o instrumento gratuitamente", explica.

Edigleison pretende aproveitar ao máximo a oficina de Mídias Sociais para fazer a diferença na hora de procurar emprego. "Quem mexe bem com rede social, internet, já sai na frente. Quero



Paixão pelo violão e solidariedade ao próximo

muito aprender para conseguir logo um bom emprego. São muitas ferramentas importantes em qualquer atividade. As empresas selecionam sempre os candidatos que têm um diferencial a oferecer. Quero ser um deles", enfatiza. Todo esse conhecimento pode ser direcionado à carreira militar. Edigleison

músicas que nem imaginava", comentou.

A opção pela oficina de Mídias Sociais foi pensando também no futuro. Thalita quer conhecer ferramentas que facilitem suas pesquisas quando estiver estudando medicina.

"Vou aproveitar o máximo essa oficina e seguir em outras para conhecer tudo de internet. Medicina é meu sonho. Gosto de cuidar das pessoas. Faço isso com meus irmãos - Mateus, de 7, que faz oficina de bateria, e Lucas, de 11, que estuda e canta e violão, - quando ficam doentes ou se machucam", observa.

Thalita pensa em procurar emprego com 16 anos já para economizar dinheiro para a faculdade. Antes de fazer medicina quer trabalhar com tecnologia. "Sabendo tudo ou muita coisa de Mídias Sociais saio na frente para conseguir um bom emprego. Meus pais me incentivam bastante para focar bem nessa oficina para colher frutos lá na frente", conta.

pretende ser fuzileiro naval. "O campo de informática é muito grande em qualquer lugar. A carreira militar não fica atrás. É o meu sonho. As oficinas da Casa da Cultura serão o início desse meu projeto de vida", aposta Edigleison, que pretende fazer também oficinas de capoeira, canto e percussão.

